

RETALHOS DE SI: O TESTEMUNHO ÉTICO DO SER PROFESSOR

Me. Rosane Cardoso Garcia  0000-0001-7526-165X
Me. Silvania Regina Pellenz Irgang  0000-0001-7558-685X
Dra. Marilane Maria Wolff Paim  0000-0002-0733-6573
Universidade Federal Fronteira Sul

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo estimular a reflexão e comunicar sobre a ética do ser professor, inspirado na bricolagem como “experiência estética” (Hermann, 2010), junto aos integrantes do Grupo de Pesquisa em Educação Emocional (GRUPEE). A pesquisa foi motivada pelo estudo do capítulo “Ética e prática profissional” da autora Isabel Baptista (2005), que levanta questões sobre o trabalho docente e o sentido da profissão, incentivando uma análise crítica das escolhas éticas ao longo da formação docente. Por meio de uma abordagem qualitativa, analisaram-se produções em bricolagem como representação estética da ética do ser professor na prática profissional, em um exercício reflexivo-estético vivido no GRUPEE, fundamentado nos estudos de Baptista (2005) sobre o estatuto ético-deontológico da docência. A produção permitiu mobilizar memórias, imagens, cores, sentimentos e emoções, compondo um processo formativo contínuo (Nóvoa, 1999) e constitutivo da prática docente, expresso na bricolagem. Concluímos que o exercício da docência requer um compromisso individual e coletivo com a formação contínua, entendido como um desenvolvimento profissional em um movimento ético-estético (Freire, 2011; Baptista, 2005), que desperta a reflexão sobre a ética consigo mesmo e com o outro, valores, condutas, crenças, ritos e ritmos que compõem a trajetória profissional de cada educador.

PALAVRAS-CHAVE: Ética estética; Formação docente; Prática profissional.

PATCHES OF SELF: THE ETHICAL TESTIMONY OF BEING A TEACHER

ABSTRACT: This work aims to stimulate reflection and communicate about the ethics of being a teacher, inspired by bricolage as an “aesthetic experience” (Hermann, 2010), with members of the Research Group on Emotional Education (GRUPEE). The research was motivated by the study of the chapter “Ethics and professional practice” by the author Isabel Baptista (2005), which raises questions about teaching work and the meaning of the profession, encouraging a critical analysis of ethical choices throughout teacher training. Through a qualitative approach, bricolage productions were analyzed as an aesthetic representation of the ethics of being a teacher in professional practice, in a reflective-aesthetic exercise experienced in GRUPEE, based on Baptista's (2005) studies on the ethical-deontological status of teaching. The production allowed mobilizing memories, images, colors, feelings, and emotions, composing a continuous formative process (Nóvoa, 1999) constitutive of teaching practice, expressed in bricolage. We conclude that the exercise of teaching requires an individual and collective commitment to continuous formation, understood as a professional development in an ethical-aesthetic movement (Freire, 2011; Baptista, 2005), which awakens reflection on ethics with oneself and with others, values, conduct, beliefs, rites, and rhythms that compose each educator's professional trajectory.

KEYWORDS: Aesthetic ethics. Teacher training. Professional practice.



1 A ESCOLHA DO TECIDO

A formação de professores é um dos temas debatidos no campo da educação e o objetivo dessa escrita é comunicar e propiciar reflexão sobre a ética do ser professor a partir de uma inspiração na bricolagem como “experiência estética” (Hermann, 2010), proposta aos participantes do Grupo de Pesquisa em Educação Emocional (GRUPEE) vinculado a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Erechim/Rio Grande do Sul, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Adriana Salete Loss. As discussões promovidas no grupo de pesquisa mobilizam a troca de saberes e a reflexão dos modos de ser e estar na profissão. Esse termo bricolagem ou *bricolage*, do francês, se refere a montagem, instalação ou reparos feitos por pessoa não especializada. Nessa direção, recorremos e compartilhamos o significado utilizado por Marques (2006, p.20): “Uma espécie de *bricolage*, aquela técnica de juntar retalhos”.

De acordo com Ferry (2004) para que a formação aconteça é preciso de três condições essenciais: de lugar, de tempo e de relação com a realidade. O grupo de pesquisa tem procurado mobilizar estas condições e convidar os participantes para a aventura do desenvolvimento pessoal e profissional do ser professor. Cabe ressaltar que esse processo não é solitário, ninguém se forma sozinho, pois há mediações que acionam e orientam o desenvolvimento de formar-se. Freire (2003) destaca que:

[...] foi exatamente porque nos tornamos capazes de dizer o mundo, de conhecer, de ensinar o aprendido e de aprender o ensinado, refazendo o aprendido, melhorando o ensinar. Foi exatamente porque nos tornamos capazes de dizer o mundo, na medida em que o transformávamos, em que o reinventávamos, que terminamos por nos tornar ensinantes e aprendizes. (Freire, 2003, p.19).

A formação exige pensar, refletir e compreender seu próprio fazer. No nosso entendimento esse processo está diretamente conectado à ética do ser professor, pois, não há como pensar a ética dissociada da reflexão e da moral, visto que é uma



filosofia da moral que questiona, interpela, sustenta, torna mais transparente o viver e justifica o agir humano.

A partir da leitura, do estudo e da discussão do capítulo “Ética e prática profissional”, de Isabel Baptista (2005, p.81), outras perspectivas de pensar a ética do ser professor foram fomentadas. Questões muito próximas da realidade vivida pelo professor são apresentadas pela autora, provocando a reflexão de si e sua prática profissional como uma sabedoria ético-profissional.

Os princípios éticos da profissão docente, segundo a autora, são compromissos incondicionais com a educabilidade de todas as pessoas. No âmbito da educação, adentramos na seara da complexidade em que os dilemas apelam para uma sabedoria ética apoiada no desenvolvimento de uma consciência profissional moralmente crítica e responsável.

Assim, buscamos, no grupo de pesquisa, provocar a reflexão sobre a ética e a prática profissional de modo que cada um pudesse, de modo criativo e livre, representar seu testemunho ético do ser professor. A proposta foi que levassem em consideração suas trajetórias formativas e como se veem no processo ético de suas relações com colegas de profissão, educandos e demais profissionais envolvidos nas instituições e níveis de ensino, sejam eles formais ou não-formais.

Ao longo desta escrita, revisitaremos conceitos, apresentaremos as produções dos participantes e desenvolveremos análises interpretativas sobre os testemunhos éticos explicitados nas histórias formativas individuais e coletivas dos sujeitos envolvidos. Não nos cabe realizar nenhuma generalização a respeito das análises, pois, há uma dimensão complexa do ato educativo, das subjetividades, daquilo que cada um entende por ética, além do campo da vida moral que os constituem.

A relevância deste trabalho está apoiada na dimensão reflexiva e ética daquilo que a profissão docente nos interroga sobre o que fizemos, por que o fizemos, como fizemos e como poderíamos ter feito (Baptista, 2005). Pois, fazer escolhas, tomar decisões sobre a experiência profissional é assumir responsabilidades, é aprender com os próprios erros e repensar sobre os valores que tem nos movido na profissão.



Nesta perspectiva, desejamos que o leitor também possa escolher seu retalho e tecer seu testemunho ético do ser professor.

2 UNINDO TEXTURAS

A produção desse texto é uma escolha ética, estética e política. Para este trabalho, recorremos a autoras e autores que compartilham da ideia de formação contínua, reflexiva, de si, dos saberes e fazeres, da escuta do outro, da mediação e da educação ético-estética como possibilidade de desenvolvimento pessoal e profissional na docência (Baptista, 2005; Freire, 2003, 2011; Nóvoa, 1995). Em um tempo de tantos “problemas e dilemas éticos” (Baptista, 2005, p.119) relacionados à constituição do ser professor e sua prática profissional, é fundamental promover espaços e tempos para compartilhar saberes, desafios e conhecimentos que permitam nos reconhecermos como sujeitos da formação.

Já apresentava Nóvoa (1995, p.25) a ideia de que “a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas) mas sim por meio de trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente de uma identidade pessoal”. Acreditamos nessa concepção, mas nem sempre nos vemos nesse trabalho de reflexividade crítica no cotidiano de nossas práticas educativas.

Tanto a escola quanto o espaço acadêmico têm nos atravessados por demandas externas, planilhas de avaliações, produtividade e uma cobrança por encontrar soluções para todos os dilemas da educação. No entanto, nos mantivemos resistentes, buscamos os encontros do grupo de pesquisa e os trabalhos coletivos como possibilidade de romper com essa lógica quantitativa e produtivista instituída e procuramos nos laços afetivos construídos, nos estudos e discussões teóricas, a oportunidade de compartilhar nossas histórias de vida e formação, e, nesse momento, a reflexividade crítica e ética do nosso ser e estar professor em diferentes níveis de ensino.

Para Freire (2011):



Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. [...] como não há pensar certo à margem de princípios éticos, se mudar é uma possibilidade e um direito, cabe a quem muda – exige o pensar certo – que assuma a mudança operada. Do ponto de vista do pensar certo não é possível mudar e fazer de conta que não mudou. É que todo pensar certo é radicalmente coerente. (Freire, 2011, p.37).

Para o autor, a ética perpassa pelas tomadas de decisões, pelas escolhas que cada um faz no campo da educação. É uma tomada de consciência que se efetiva num posicionamento ético e que não há como pensar fora dele. Nesse sentido, a reflexividade crítica precisa estar presente na vida do professor, pois no entendimento de Baptista (2005, p.91) “o professor está intencionalmente presente na vida do outro”. Esse outro pode ser o colega, a equipe de trabalho, as crianças, os estudantes, a comunidade a qual pertence e a intencionalidade está ligada a ética por uma consciência profissional crítica, reflexiva e atenta.

A autora, destaca ainda que o testemunho ético do professor começa na sua própria presença, sensibilidade e atitude. “É importante a forma como escutam, como comunicam e partilham conhecimentos. A forma como se envolvem no trabalho de equipe, como lidam com as situações de conflito, como acolhem e respeitam a liberdade do outro” (Baptista, 2005, p.88-89).

Por vezes, o professor esquece da dimensão subjetiva, afetiva, colaborativa, adentra no sistema conteudista, numa metodologia arraigada às formas tradicionais de ensinar e reproduz o mesmo dele, esquecendo seu compromisso ético com a educação, com os sujeitos com os quais exerce sua profissão. Olhar e tomar para si a consciência crítica e reflexiva do seu lugar no mundo, valorizando-se como pessoa e profissional, é o convite que nós fazemos ao testemunhar a ética do ser professor e daquilo que faz sentido para cada um.

No entanto, não podemos nos limitar somente a uma compreensão individual da ética do professor, pois “[...] pensamos que as competências éticas necessárias a uma gestão ética das escolas devem ser abordadas no quadro mais vasto da ética profissional docente” (Baptista, 2005, p.98). Isso porque não assumimos sozinhos os



espaços educacionais e, em especial, a escola que é uma instituição social da qual deveria privilegiar o ideal de humanidade construído em torno dos valores da democracia.

Para a autora, Baptista (2005), a cultura organizacional da escola perpassa por uma consciência profissional que exige a problematização de caráter ético que não se reduz às relações interpessoais, mas sim que se prolongue nos espaços institucionais e normativos que configuram as diversas práticas relacionais. Ou seja, que perpassam nos diferentes espaços de participação, de responsabilidade e de cooperação em todas as instâncias, inclusive pela gestão escolar.

No entendimento da autora, “Não basta definir e explicitar valores, é preciso que eles sejam coerentemente assumidos a todos os níveis da dinâmica organizacional” (Baptista, 2005, p.99). É necessário construir uma cultura escolar que aperfeiçoe o processo de aprendizagem a partir de uma cultura de responsabilidade individual e coletiva.

Nesse sentido, precisamos ampliar os olhares e as práticas escolares envolvendo um agir humanizado, que inspire e permita aos sujeitos encontrarem outros modos de conviver e aprender pela perspectiva do sensível e da ética com a diversidade, com os outros e consigo mesmo. Para Hermann (2010) não é possível compreender a ética no âmbito da educação apenas na perspectiva da dimensão cognitiva e racional, há que promover rupturas e estranhamentos por meio da experiência estética que atua no reconhecimento da alteridade, da subjetividade e de outros modos de ver o mundo.

Inspiradas nesse movimento sensível como abertura à experiência estética foi que propomos a bricolagem como testemunho ético do ser professor.

Dessa forma, revirar os terrenos da própria história – lavrar a terra, acessar e reconstruir as próprias memórias, trazendo-as à consciência – se caracteriza como esforço já que demanda uma persistência gentil e inúmeros recomeços. Provavelmente, não será a primeira tentativa de encontro consigo que propiciará processos formativos intensos e significativos. Esse movimento de estranhamento de si e da própria história demanda uma insistência acompanhada de paciência [...]. (Farias; Ourique, 2023, p.11).



Nessa perspectiva, ousamos instituir uma proposta subjetiva aos participantes do grupo de pesquisa, ao ponto de tencionar, pela experiência estética, as singularidades e a reflexividade crítica, que se permitiram, ao mobilizar suas memórias formativas, serem os sujeitos de seus próprios testemunhos éticos do ser professor. Um desafio já mencionado pelas autoras que precisa de paciência, persistência e gentileza consigo mesmo ao viabilizarem recomeços. Encarar a si próprio não é fácil, por isso, adentrar na vida e na formação docente é também um compromisso ético enquanto pesquisadoras.

3 A BRICOLAGEM COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Na realização deste estudo optamos por uma metodologia de vertente qualitativa respaldada por uma abordagem interpretativa, considerando ser imprescindível, num primeiro momento, o estudo e a análise da bibliografia especializada que sustente as relações possíveis dentro da formação ético-estética de professores (Baptista, 2005). Ao considerar os paradigmas, qualitativo e interpretativo, significa que os modelos têm tendência a coexistir e a completar-se inspirando-se numa abordagem sistêmica.

No contexto do estudo, foi necessário buscar novos aportes teóricos para melhor explorar o instrumento de coleta imagético definido pelas investigadoras, que optaram pela bricolagem como provocação para a experiência ético-estética. Um meio de aprofundar a reflexão, provocar a expressividade dos participantes por um canal não convencional, substituindo as ferramentas habituais de sala de aula, restritas, muitas vezes, à escrita racionalizada e quantitativa do cumprir tarefas, demandas e questões burocráticas que também envolvem o cotidiano do trabalho docente. Nossa intenção foi sensibilizar os professores, as professoras e outros participantes desta



pesquisa para uma experiência estética, para o sentido ético da formação (Hermann, 2010) ao refletirem sobre sua biografia ética do ser professor.

A experiência estética é uma possibilidade de ampliar nossa compreensão sobre nós mesmos e sobre o mundo e aprimorar nossa capacidade de escolha. As discussões sobre estética, sobretudo, a partir do século 19, têm contribuído para a formação de novas questões sobre sua vinculação com a ética, o papel da arte para conhecer a verdade e o alargamento de nossa relação com o mundo. (Hermann, 2010, p.36).

Assim, a prática demandou determinado tempo para reflexão até a produção imagética, relacionando-se com a apresentação do capítulo “Ética e prática profissional”, de Isabel Baptista (2005). Nesse desafio, a construção ou produção da bricolagem pode contar com a utilização de diferentes materiais para a autocriação: imagens de revistas, desenhos, pinturas, palavras, conexões possíveis com aquilo que faz sentido na construção do seu ser professor.

A experiência estética é aqui entendida como um canal de expressividade, do testemunho ético da prática profissional com seus desafios e realizações e, representa um encontro do eu pessoal com o eu profissional que tem se constituído ao longo da sua história. Nesse sentido, aprofundamos os conhecimentos e saberes construídos ao longo de nossa trajetória, na direção da comunicação visual, tão presente e explorada nas relações cotidianas da sociedade pós-moderna.

Há que se considerar, conforme Lessard-Hébert, Goyette e Boutin (2005), a relação entre as perspectivas dos investigados, participantes, atores e as condições ambientais da ação na qual se encontram implicados. Para tanto, é necessário compreender que os significados possuem uma história, isto é, que eles podem estar ligados por razões de tempo e de cultura. Desse modo, a cultura é definida em termos cognitivos como uma aprendizagem de normas e regras que acompanham e constroem as percepções, as ideias, as convicções, as ações e a avaliação das ações dos outros. Parafraseando os autores, a investigação interpretativa permite tornar



estranho aquilo que é familiar e ao explicitar o que está implícito: “o lugar-comum transforma-se em problemática.” (Lessard-Hébert, Goyette e Boutin, 2005, p.43).

À luz dessas concepções se dá nosso encontro com a imagem, a bricolagem produzida pelos participantes da pesquisa. Reconhece-se que num estudo desta natureza, qualitativa, o investigador exerce a sua influência, visto que tem concepções prévias, têm “preferências, inclinações, interesses particulares; interessa-se por eles e considera-os a partir do seu sistema de valores [...] é mais que um observador objetivo: é um ator aí envolvido.” (Laville e Dionne, 1999, p.34).

Com efeito, a imagem, compreendida como uma forma de discurso, carrega em si um sentido do ponto de vista sociocultural e ideológico e não pode ser lida como um mero ato de descrição dos seus elementos visuais, mas usa esses elementos para produzir sentidos em seu processo de leitura.

4 TESTEMUNHOS REFLEXIVOS E PERMANENTES DA/NA FORMAÇÃO DOCENTE

Em vista da apresentação e discussão dos resultados, tendo em conta os objetivos do estudo, procuramos analisar e interpretar a perspectiva desse encontro da ética com a prática profissional. Ou seja, a representação a partir da experiência estética mobilizada pelo processo narrativo e de aprendizagem de si, daquilo que fez sentido para cada participante ao refletirem e produzirem uma composição livre que pudessem escolher o que apresentar do testemunho ético do seu ser professor, dessa pessoa e profissional que foi se constituindo ao longo do exercício da profissão docente, como sujeito do presente. As imagens produzidas pelos participantes foram enviadas na noite do encontro via grupo de Whatsapp criado para a comunicação do GRUPEE.

A produção da bricolagem apresentou no conjunto de imagens e de elementos associados (fitas, retalhos de tecidos, botões, correntes, papéis de diferentes texturas etc.), princípios éticos dos indivíduos que se fazem sujeitos dentro da profissão



docente, em que a responsabilidade com o ato pedagógico, com o compromisso com os educandos e com a instituição educacional não são abandonados sob qualquer pretexto, cuja integridade é elo que constitui o profissional do presente. No momento de lidar com dilemas, o indivíduo íntegro optará por proteger a dignidade da vida coletiva. “Sabe-se que o professor pode muito, mas não pode tudo” (Baptista, 2005, p. 84).

Os participantes representaram com criatividade associações para expressar o cuidado ético com a prática e o percurso profissional até aqui. Em outras composições, expressaram a relevância da formação contínua, percurso que alterna o esforço pessoal com o coletivo, do conhecer-se e transformar-se; saber escutar, se emocionar e ter autonomia. A prática ética da docência leva a justiça pedagógica ao alcance de todos; a experiência da convivência ética e respeitosa para com o outro e a natureza como bases da cidadania universal; lembrete de que manter-se em movimento é o caminho para alcançar a luz, considerando esta como conjunto de saberes essenciais para a profissão docente, considerando-a uma personalidade moral, a quem a sociedade confia o capital de conhecimento às novas gerações.

Concebemos que as relações estabelecidas, pelos participantes, em ambas as esferas Inter e intrassubjetivas, constituíram representações simbólicas no campo da formação docente. As crenças, os valores sociais historicamente construídos e a atribuição de sentido e subjetividades mobilizaram as produções nas quais apresentaram significados sobre si, sobre o outro e sobre a realidade.

Outro ponto marcante da obra de Baptista (2005), materializado na bricolagem, comunica o compromisso dos professores com a profissão. Nesse sentido, os participantes utilizaram signos que remetem a metamorfose da lagarta à borboleta; a arte da culinária, para representar transformação e o cuidado com a prática e o percurso profissional, demarcaram etapas e processos. A exemplo da culinária de um prato requintado, cuja atenção aos detalhes e ação são dotados de ciência e técnica. Procedimento singular de quem não apenas prepara o alimento do corpo, mas zela por conquistar um lugar na memória. Envolvimento, respeito e compromisso desde a



seleção dos ingredientes até o acabamento dos pratos. Nesta experiência, exalta-se a beleza do encontro.

Ao considerar os detalhes dessa experiência estética, que fazem desse ritual uma arte, bem como se faz a arte na docência, observamos os cuidados para além do conhecimento como objeto em si, mas como experiência estética capaz de promover um afastamento na lógica habitual do cotidiano e sensibilizar os participantes para a compreensão de si. De acordo com Hermann (2005, p. 40) um encontro com o sensível nos permite perceber que “a experiência da arte nos abre um mundo, um horizonte, uma ampliação de nossa autocompreensão, justamente porque revela o ser”.

Figura 1 – Montagem com as bricolagens produzidas pelos participantes do GRUPEE, no estudo da “Ética e prática profissional”, de Isabel Baptista (2005).



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2023.



5 RETALHOS DE SI COMO EXPERIÊNCIA ÉTICO-ESTÉTICA DO SER PROFESSOR

Contemporaneamente, o campo da formação de professores vive tempos de incertezas, tensionado pela lógica do mercado que vem aligeirando as formações docentes e reduzindo a qualidade dos processos formativos. O tempo social marcado pela instabilidade e mudanças das sociedades, somado à instabilidade política das últimas reformas educacionais, tem nos provocado a repensar não só a formação docente como também os modos de nos constituirmos professores e professoras.

O GRUPEE nos abriu esse espaço de reflexão e discussão olhando para a ética e a prática educacional de modo que foi possível observarmos e analisarmos os testemunhos éticos do ser professor para os participantes do grupo, inspirados em uma bricolagem como experiência estética. Nessa perspectiva, o percurso formativo e autoformativo dos participantes foi acionado no momento de revisitar suas memórias, seus saberes e suas bases epistêmicas ao elencar aquilo que os constitui como sujeitos da docência.

Tal provocação possibilitou reflexões individuais e coletivas da prática educacional desses profissionais e a tomada de consciência de si. As experiências da pesquisa e da colaboração, contextualizada na prática ética da profissão, são fundamentais na/para a constituição do professor do século XXI. Tais vivências diante de oportunidades como essa de conhecer-se como professor tem papel fundamental na formação social e intelectual de novas gerações, aprofundando a consciência de ser sujeito da/na educação.

Evidenciamos que os participantes vivenciaram, durante o estudo, momentos em que puderam olhar para si e para sua prática, bem como para o percurso profissional, considerando a ética fundamental na formação e autoformação diretamente relacionadas às práticas do grupo de estudos. Ação e experiência de quem busca o conhecimento e a ética do bem fazer, consciente do seu papel, o que



para Baptista (2005), reforça a crença na educabilidade dos professores, capacidade de transformação, que os leva a apontar o contexto da formação como meio privilegiado de trocas, colaboração, de superação das dificuldades, problemas e erros de conduta profissional, pois não se nascemos prontos.

Nesse sentido, parafraseamos Baptista (2005, p. 117), ao considerarmos as dinâmicas formativas em torno da ética e da deontologia, conforme a proposta compartilhada neste artigo, parece-nos ser o caminho mais apropriado para desenvolver a consciência profissional moralmente crítica e responsável nesta profissão em tempos de mudanças.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, I. **Dar rosto ao futuro**: a educação como compromisso ético. Porto, Portugal: PROFEDIÇÕES, 2005.

FARIAS, J. M. de; OURIQUE, M. L. H. A tinta, o tempo e as credenciais de formação humana para a docência. *In: Debates em Educação*. Vol.15, n. 37, Maceió, 2023. DOI: 10.28998/2175-6600.2023v15n37pe15007. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/15007> . Acesso em: 22 de agosto de 2023.

FERRY, G. **Pedagogia de la formación**. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2004.

FREIRE, P. **Política e educação**: ensaios. 7 ed. Editora Cortez, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2011.

HERMANN, N. **Autocriação e horizonte comum**: ensaios sobre a educação ético-estética. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

HERMANN, N. **Ética e estética**: a relação quase esquecida. Porto Alegre, RS: Edipucrs, 2005.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A Construção do Saber** - Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências da Educação. Porto Alegre: Artmed Editográfica, 1999.



LESSARD-HÉBERT, M.; GOYETTE, G.; BOUTIN, G. **Investigação Qualitativa - Fundamentos e Práticas**. 2.^a ed. Lisboa: Edições Piaget, 2005.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 5. ed.rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. *In*. Nóvoa, A.(org.) **Profissão professor**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 1999. p. 03-34.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. 2 ed. Portugal: Dom Quixote, 1995.

Recebido em: 06-05-2024

Aceito em: 08-01-2025

